Revista Macambira

Bastarda tardia

Elaine Pedreira Rabinovich[1]

Quando criança, eu me considerava israelita. Israelita é quem descende de Abraão e Jacó, o povo de Israel, uma das 12 tribos – sendo que israelense é quem é cidadão do Estado de Israel. Mas li em Valadares, Faiguenboim e Andreas (2009), no livro sobre o *Cemitério Israelita de Vila Mariana*, que se usava o termo israelita porque o termo judeu era considerado pejorativo e algo insultuoso. Tínhamos sofrido o Holocausto e a palavra JUDEU escrita em vermelho nas paredes das casas e nos fornos crematórios realmente não trazia boas associações. Contudo, escrever este texto para mim, hoje, não é nada fácil no presente momento com a guerra em Gaza entrando pelos nossos olhos e sentidos.

Sartre (1965) viveu essas épocas do nazismo e outras perseguições, como o franquismo na Espanha, e daí escreveu sobre o racismo. Chamou o judeu de bastardo amaldiçoado e o negro, de bastardo vítima do colonialismo. Creio que Sartre acertou em estabelecer uma relação entre os dois grupos de pessoas que, embora com histórias tão diversas, têm algo em comum: um tipo de destino de ser alijado de uma plena condição de ser como todos. Halter (1987) conta, em uma forma romanceada, a epopeia de uma família judia do ano 70 d.C. até o gueto de Varsóvia, em 1943: são cem gerações que nunca puderam permanecer no local onde estavam, transmitindo a memória de um exílio. A esse exílio, Sartre denominou bastardia.

Quando eu comecei a pesquisar, eu me dizia “preta”, ante o espanto dos meus ouvintes psicólogos. Atualmente, sei que não posso dizer que sou preta porque minha pele é clara, e isso é um marcador de diferenças importantes que não podem ser ultrapassadas em um desejo de identificação. No entanto, tive um sonho no qual eu era um etíope que corria veloz como os etíopes soem correr, livres pelas florestas. Pensei muito sobre isso: que parte de mim era

[1] Psicóloga Clínica. Pós-Doutora em Psicologia e História pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Psicologia Social (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABeP-UCSal). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-3048-6609. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1594550972937138. E-mail: elaine.rabinovich@pro.ucsal.br.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081021, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1403.

esse etíope? Um jovem, um homem, um atleta, um desbravador de espaços. Talvez o que eu produza como pesquisadora tenha alguma ligação com esse jovem.

Seja como for, estive produzindo na área de negritude desde o começo de minha vida como pesquisadora, como se esse conhecer ajudasse a iluminar o meu próprio auto-conhecimento, o meu lado etíope. Como eu, há inúmeros brasileiros judeus e judias que se dedicaram a estudar a escravidão no Brasil.

Lia Vainer Schucman, que teve um texto circulando nas redes sociais em 2024, é uma dessas brasileiras judias que, além de se dedicar a estudos sobre negritude, acertou demais ao dizer que os judeus, ao chegarem fugidos ao Brasil, nunca foram negros porque eram brancos, e foram aqui aceitos como brancos. Eis toda a diferença desde o início. Os judeus-israelitas logo viraram brasileiros, que era o que mais queriam ser, pois todos fugiram de onde estavam e, por causa disso, não foram assassinados como seus parentes que permaneceram nas terras onde estavam. Aliás, nessas terras estavam como bastardos, daí Sartre os ter denominados bastardos amaldiçoados porque, vira e mexe, passavam a ser perseguidos (Halter, 1983) e nunca poderiam estar realmente assentados e vivendo como todos.

Sou a quinta geração que vive e viveu no Brasil. Assim como eu, considerámo-nos brasileiros, e totalmente brasileiros. Israel é uma terra longínqua onde estivemos como turistas; temos parentes que lá moram, e também apreciamos e nos orgulhamos de suas conquistas e desejamos que não seja varrido do mapa.

Mas não nos orgulhamos dessa guerra. A partir dela, me deu vontade de ler sobre como os alemães elaboraram e elaboram os crimes de guerra de seu país, sendo ou não culpados por eles. Essa é uma faceta dos acontecimentos recentes. A outra face é vizinhos virarem a cara, amigos deixarem de responder a e-mails e mensagens via WhatsApp, você passar a ser um des-conhecido para você e para o Outro. Eu não passei por isso, mas minha filha e primas passaram. Eu não passei porque sou albergada por esse belo povo baiano.

Há outro lado ainda: você ter que definir de que lado está. Ou é comunista, petista, ou equivalente, ou um porco chavinista que, certamente, quer matar todas as criancinhas palestinas, ou é pró Israel ou pró palestinos. Você passa a ser alijado do seu eu, de dizer quem você é ou quer ser. Passa a ser um desejo perverso de um Outro invisível que te julga e te condena.

Israelense é quem é cidadão de Israel, o que é diferente de israelita ou judeu. Porém, hoje, eu tenho que escrever isso de modo claro, para deixar claro para as pessoas que lerem esse texto, pois não está claro para muitas pessoas que, infelizmente, não vão ler esse texto.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081021, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

Dei o título de bastardia tardia ao presente artigo porque sempre me orgulhei de ser brasileira, e apenas e tão somente brasileira, nascida e plantada nesse solo brasileiro. Contudo, atualmente, tenho que afirmar esse fato que é único e total, donde, estou sofrendo uma ação tardia de bastardia.

REFERÊNCIAS

HALTER, Marek. **A memória de Abraão**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro,1965.

VALADARES, Paulo; FAIGUENBOIM, Guilherme; ANDREAS, Niels. **Os primeiros judeus de São Paulo**. Uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana. Rio de Janeiro: Fraiha, 2009.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081021, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1403.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 30/04/2024 **Aceito em**: 01/05/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 04/30/2024 **Accepted in**: 05/01/2024 **Published on**: 09/30/2024
Conflitos de Interesse A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT RABINOVICH, E. P. Editorial: Bastarda tardia. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081021, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1403.	**How to cite this article - ABNT** RABINOVICH, E. P. Editorial: Late Bastard. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081021, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1403.
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	**Use license** The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.